

Era uma vez um rio
Martha Azevedo Pannunzio

Memórias de um menino,
numa narrativa apaixonante,
para todas as idades.

JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A
Tel.: (0xx21) 509.6939 Fax.: (0xx21)
242.0802 E-mail: joeditor@unisiys.com.br

Capanema, Gustavo
001
Reportagem 0093

IDÉIAS

L I V R O S

ideias@jb.com.br

— coneXões —

FRIEDRICH NIETZSCHE
CREPÚSCULO
DOS ÍDOLOS
(OU COMO FILOSOFAR
COM O MARTELO)

RELUME DUMARÃ
Tel.: (21) 564-6869
e-mail: relume@relumedumara.com.br

BIOGRAFIA

A revolução cultural de Capanema



Centenário põe em questão o perfil do ministro da Educação na ditadura Vargas, amigo de modernistas e comunistas

GUSTAVO CAPANEMA: A REVOLUÇÃO NA CULTURA
Murilo Badaró
Editora Nova Fronteira, 548 páginas
R\$ 38

SIMON SCHWARTZMAN

Quando escrevemos um livro, ou comemoramos uma data, como os 500 anos da descoberta do Brasil, ou o centenário de Gustavo Capanema, estamos sempre dizendo alguma coisa, transmitindo alguma idéia, levantando alguma questão. Que nos diz Murilo Badaró com este trabalho extenso e minucioso, de quase 500 páginas, sobre Gustavo Capanema e a cultura brasileira?

O principal que nos diz, e sobre isto não há discordância, é que Capanema foi um homem sério, honrado, estudioso, que procurava dar à vida política um sentido que ia além da simples disputa pelo poder, e que teve um papel importante na criação de nossas instituições educacionais e culturais. Seguindo o fio da vida pública e da perspectiva de Capanema, Badaró nos permite acompanhar e entender melhor a participação de Minas Gerais na Revolução de 30, os detalhes do golpe de 1937, a opção de Vargas pelos aliados na Segunda Guerra, a volta de Getúlio em 1950, o suicídio em 1954, e os desenvolvimentos políticos até o final da década de 70, quando Capanema se retira da vida pública, falecendo alguns anos depois.

Badaró nos diz, também, no título do livro, que Capanema fez uma “revolução na cultura”

brasileira, e aí o significado de sua mensagem é menos claro. O capítulo intitulado “A revolução cultural”, de menos de dez páginas, começa pela relação dos intelectuais que circulavam ao redor do Ministério da Educação nos anos 30, menciona os vínculos entre o ministro e Alceu Amoroso Lima, então líder do pensamento católico conservador, e insiste que Capanema se mantinha aberto a todas as correntes de pensamento, inclusive os da esquerda, terminando com uma extensa citação do jornalista Villas-Boas Corrêa a respeito. Vemos que Capanema acompanhava com simpatia as idéias dos modernistas, mantinha um esquadrista, Carlos Drummond, como seu chefe de gabinete, encomendava trabalhos a Portinari, tido como comunista, e levou à frente do projeto arquitetônico do edifício do Ministério da Educação (em um estilo modernista que, por motivos hoje difíceis de entender, era também considerado “progressista”). Capanema foi ainda o criador do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, a partir de um projeto de Mário de Andrade, e se preocupou com a Biblioteca Nacional, com o canto orfeônico, o rádio, o teatro, e várias outras iniciativas. Ao mesmo tempo, aceitava os vetos de Alceu para cargos no ministério, copiava a legislação educacional italiana, contratava o arquiteto de Mussolini para edificar a Cidade Universitária, fechava a Universidade do Distrito Federal, e tentava proibir o trabalho feminino.

Comparado com os anos da República Velha, em que estas questões não estavam na

agenda dos presidentes e ministros, foi sem dúvida uma revolução. Comparado com os tempos de Pedro II, no entanto, não há muitas novidades. Ambos, Capanema e D. Pedro, acreditavam na importância da cultura, gostavam de se cercar de intelectuais e literatos, exerciam o mecenato, e criaram instituições educacionais e culturais (Dom Pedro, aliás, viajava pela Europa e era membro de academias de ciência estrangeiras, e tinha muito mais sensibilidade para a ciência e a tecnologia que Capanema, que, provinciano, aparentemente nunca viajou para fora do país). Ambos, no entanto, faziam da ciência, da cultura e da educação uma atividade de elite, centralizada, administrada burocraticamente, que não conseguia sobreviver fora da proteção e cooptação do Estado.

O pouco que o Brasil teve de uma revolução na cultura e na educação no início deste século ocorreu com a Semana de Arte Moderna de 1922, pelas discussões sobre a educação promovidas pelos “Inquéritos” sobre a educação nacional liderados pelo jornal *O Estado de S. Paulo* e continuadas pelo movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e vários outros, e com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934. A Semana de Arte Moderna serviu para legitimar os temas brasileiros e a busca de uma linguagem e um estilo livres de comunicação; e os movimentos pela educação, pela primeira vez, colocaram em pauta a necessidade de or-

ganizar no país um sistema de educação pública para toda a população, coisa que a Europa já havia realizado desde o século anterior. Esta movimentação se dava em meio a embates ideológicos intensos, em que os autoritarismos fascistas e de esquerda se digladiavam e confundiam, e o catolicismo conservador, a partir do Centro Dom Vital, buscava assumir o controle das atividades educacionais e culturais (ao contrário do que diz Murilo Badaró sobre isto, a disputa nos anos 30 não era entre ensino público e privado, como nos anos 60, mas pelo controle da educação pública).

O resultado de tudo isto foi abrir uma pequena janela de educação e modernidade que, no entanto, ficou limitada às camadas médias e altas das grandes cidades, deixando à margem a grande maioria da população, e mantendo o Brasil, como ainda hoje, como um dos países mais desiguais e relativamente menos educados em todo o mundo.

A questão é entender por que esta revolução que se iniciava se estiolou, e que papel teve nisso o regime de Getúlio Vargas e o ministério de Gustavo Capanema. A resposta, acredito, é que, apesar do cultivo da cultura, das artes e dos temas educacionais, o Ministério da Educação daqueles anos ajudou a consolidar o modelo de “modernização conservadora” e excludente que caracterizou o regime Vargas como um todo.

Continua na página 2

Michel Filho - 29/10/93

Capanema, que tinha como chefe de gabinete Carlos Drummond de Andrade (alto), cercou-se de grandes artistas e arquitetos para construir o prédio do MEC

